



SOCIABILIDADES NEGRAS ENTRE A DIVERSÃO E OS LETRAMENTOS: UM CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO NOS CAMPOS GERAIS (PR)

Merilyn Ricieli dos Santos¹

Ione da Silva Jovino²

Resumo: O artigo apresenta como o letramento aparece nas práticas de sociabilidades negras como estratégia de inserção social e como as instituições podem ter funcionado enquanto agências de letramentos. Para isso, centra-se na apresentação do Clube Literário e Recreativo 13 de Maio, fundado em Ponta Grossa, Paraná, em 1890. As reflexões são derivadas da pesquisa de Santos (2016) sobre o referido clube e se iniciam com breve apresentação do mesmo, com contextualização sócio-histórica. Em seguida, trazemos apontamentos sobre os clubes negros, em especial no sul do Brasil, mostrando como o período imediatamente posterior à abolição da escravidão produziu estes grupos heterogêneos, com funções distintas, mas com alguns elos comuns. No final, a partir do termo “literário”, presente no nome do clube pontagrossense, aborda-se como ele pode ser lido como um possível espaço de letramentos, semelhante a algumas Irmandades Negras e outros clubes.

Palavras-chave: clubes negros; letramentos; sociabilidades.

BLACK SOCIABILITIES FROM LEISURE TO LITERACY: A LITERARY AND RECREATIONAL CLUB IN THE CAMPOS GERAIS REGION (PR)

Abstract: This article presents how literacy appears in the practices of black sociabilities as a social insertion strategy and how institutions may have been responsible for promoting literacy. The article focuses on the Literary and Recreational Club - *13 de Maio*, founded in Ponta Grossa, Paraná, in 1890. The reflections about the aforementioned club are based on the research carried out by Santos (2016), and begin with a brief presentation of the club and a social-historical contextualization. The article also discusses how black clubs, especially in the south of Brazil, in the period immediately following the abolition of slavery produced heterogeneous groups, with distinct functions, but with some common links. The term “literary”, present in the name of the club from Ponta Grossa, is discussed in order to demonstrate how it could be understood as a possible space for promoting literacy as it happened in some Black Brotherhoods and other clubs.

Keywords: blackclubs; literacy; sociabilities.

SOCIEBILITÉS NOIRS ENTRE LE FUN ET LETTREMENT: UN CLUB LITTÉRAIRE ET RÉCRÉATIF AU CAMPOS GERAIS (PR)

¹Doutoranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Mestre em Estudos da Linguagem pela UEPG. Pesquisadora do Núcleo de Relações Étnico-raciais, Gênero e Sexualidade (NUREGS-UEPG) e do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros (NEAB-UDESC). *E-mail:* merylinricisantos@gmail.com

²Professora Doutora do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Pesquisadora do Núcleo de Relações Étnico-raciais, Gênero e Sexualidade (NUREGS-UEPG). *E-mail:* ionejovino@gmail.com.



Résumé: L'article présente comment le lettré apparaît dans les pratiques de sociabilités noires comme une stratégie d'insertion sociale et comment les institutions peuvent avoir travaillé comme une agence lettré. Pour cela, il se concentre sur la présentation du Club Littéraire et Récréatif 13 de Maio, fondé à Ponta Grossa, Paraná, en 1890. Les réflexions sont dérivées de la recherche de Santos (2016) sur le Club ci-dessus et commencer par une brève présentation de la même, avec contextualisation socio-historique. Ensuite, nous apportons des notes sur les clubs noirs, en particulier dans le sud du Brésil, montrant comment la période immédiatement après l'abolition de l'esclavage a produit ces groupes hétérogènes, avec des fonctions distinctes, mais avec quelques liens communs. En fin, à partir du terme "littéraire", présent au nom du club de Ponta Grossa, s'abord comment il peut être lu comme un possible espace de lettré, semblable à certaines confréries noires et d'autres clubs.

Mots-clés: clubs noirs; lettré; sociabilités.

SOCIABILIDADES NEGRAS ENTRE LA DIVERSIÓN Y LA LECTOESCRITURA: UN CLUB LITERARIO Y RECREATIVO EN LOS CAMPOS GERAIS (PR)

Resumen: El artículo presenta como lectoescritura aparece en las prácticas de las sociabilidades negras como estrategia de inserción social y cómo las instituciones pueden haber funcionado como agencias de lectoescritura. Para eso, se centraliza en la presentación del Club Literario y Recreativo 13 de Mayo, fundado en Ponta Grossa, Paraná, en 1890. Las reflexiones son derivadas de la investigación de Santos (2016) sobre el referido club y empiezan con una breve presentación del mismo, con contextualización sociohistórica. En seguida, traemos apuntamientos sobre los clubes negros, en especial en el Sur del Brasil, mostrando cómo el período inmediatamente posterior a la abolición de la esclavatura produjo estos grupos heterogéneos, con oficios distintos, pero con algunos rasgos en común. Por el fin, a partir del término "literario", presente nombre del club de la ciudad de Ponta Grossa, aborda cómo este término puede ser leído como un posible espacio de lectoescritura, semejante a algunas Hermandades Negras y otros clubes negros.

Palabras-clave: clubes negros; lectoescritura; sociabilidades.

O texto aqui apresentado é parte das reflexões acerca de uma pesquisa sobre um clube negro da cidade de Ponta Grossa, Paraná³. A pesquisa apresenta um estudo sobre discursos construídos em torno do clube negro, abordando as construções das identidades dos sujeitos que dele participam ou participaram, a partir do paradigma indiciário, de Carlo Ginzburg (1990). Os objetivos buscavam investigar os discursos a fim de evidenciar quais os espaços, negociações, interdições, silenciamentos, visões, significados atribuídos ao clube pela sociedade local, bem como entender como os frequentadores e os não frequentadores viam o clube.

A pesquisa pretendia, ainda, responder quais os indícios das relações do clube com a sociedade, e da sociedade com o clube. Busca-se evidenciar um espaço que,

³ Trata-se da pesquisa de mestrado intitulada: "Quem tem medo da palavra negro?": Morenos, Misturados, Mestiços, Cafuzos, Mulatos, Escuros, Preto social – Participantes do Clube Treze de Maio – Ponta Grossa (PR) (Santos, 2016).



mesmo marginalizado, firmou-se como um clube negro que colaborou para diversas construções identitárias locais a partir das sociabilidades vividas no e em torno do mesmo.

O Clube 13 de Maio se mantém como uma Sociedade Recreativa, criada por negros libertos no período pós-abolição, fundada em 1890, na cidade de Ponta Grossa, e que no momento de sua criação apresentava uma nomenclatura bastante sugestiva: Clube Literário e Recreativo 13 de Maio. O corpus da pesquisa foi constituído por um conjunto de discursos de pessoas negras construídos na forma de entrevistas orais referentes a esta sociedade recreativa.

O recorte a ser apresentado parte das reflexões teóricas sobre Letramentos e a história de clubes e instituições negras, amparadas principalmente em Kleiman (2005), Moysés (1995), Souza (2009), Reis (1996), Reis (2010), Silva (2010), Simão (2010), Silva (2011), Hermann (2011), Jesus (2005), Escobar (2010), Domingues (2011), Borghi e Diniz (2010), Fernandes (2015), Martins (2011), Pimentel (2010) e Albuquerque (2006).

A partir das referências acima, trataremos de questões raciais e identitárias negras, bem como sociabilidades negras e a relação destas com o letramento. Tais perspectivas teóricas contribuirão para que o Clube Treze de Maio fosse compreendido enquanto uma instituição que não apenas preocupava-se com a “imagem” da instituição na sociedade pontagrossense, mas como um espaço que se constituiu enquanto literário, talvez como uma forma de resposta incisiva para o município que o sediava e o excluía constantemente (e a historiografia local mostra isso).

A instituição problematizada nestes escritos situa-se na cidade de Ponta Grossa, na região denominada de Campos Gerais, esta abrange dezenove municípios (Paraná, 2015). Nesta região não há muitas produções historiográficas que abordem de modo expressivo as vivências negras em seus territórios, ainda que alguns contem com clubes negros ativos.

Ponta Grossa é um município paranaense que insiste em forjar tradições europeias em seus limites. Há nesta cidade 311.611 habitantes (IBGE, 2014) e destes 64.728 são negros (declarados pretos ou pardos), porém, estes sujeitos não tem uma



visibilidade significativa enquanto integrantes dos processos históricos e sociais da mesma, pois ainda há quem insista que Ponta Grossa é uma cidade apenas branca.

Tal realidade pode ser observada no fato de não haver no município nomenclatura de monumento, praça ou espaço público que tratem de memórias negras, embora se tenha uma série de personalidades negras nacionais, estaduais e também municipais, que se destacaram socialmente e que por vezes são postas no anonimato enquanto agentes históricos.

As vivências sociais pretas e pardas em Ponta Grossa ocorrem principalmente nas Comunidades Remanescentes Quilombolas da Colônia Sutil e Colônia Santa Cruz, bem como no Clube Treze de Maio, Clube Democrata, Escolas de Samba, Blocos Carnavalescos, Clube Olinda e Times de Futebol locais, espaços estes diretamente relacionados aos sujeitos negros, seja por questões históricas, culturais ou até mesmo de exclusão.

No ano de 1836 a região dos Campos Gerais – que atualmente corresponde a cidade de Ponta Grossa, Castro, Pirai do Sul, Tibagi e mais vinte municípios – contava com grande quantidade de escravizados, em relação aos sujeitos livres:

Para uma população de 10.857 pessoas a presença escrava correspondia a 27,5%, totalizando 2.986 escravos. Já para o ano de 1854, logo após a criação da Província, a população total da região dos Campos Gerais alcançava 22.187 pessoas, sendo que 5.121 eram escravos, o que correspondia a 23,1%. (Martins, 2011, p. 57)

Os números trazidos por Martins (2011) são expressivos e desestabilizam novamente o discurso branco e hegemônico de que na região dos Campos Gerais não teve uma quantidade considerável de escravizados. O autor explica que até a região referida se estabelecer como província paranaense (antes pertencia à Comarca de São Paulo), “O número de escravos manteve-se quase sempre num crescente absoluto, atingindo sua cifra máxima no ano de 1866[...]” (Martins, 2011, p. 60). Depois deste processo de aumento no número de escravizados, ocorre um declínio nesta movimentação, pois a região passa a receber imigrantes que se fixam em terras campesinas a fim de buscarem oportunidades de emprego, já que esta região era promissora na área de cultivo agrícola.

A cidade de Castro, por exemplo, fora por muitos anos o centro das relações econômicas da região, devido a sua localização geográfica privilegiada visto que era um lugar de



passagem na rota dos tropeiros que faziam o caminho do Viamão “ Uma rota mercantil, que interligava as localidades de Viamão e Sorocaba, passando por diversos outros lugares, mais ou menos importantes, como Vacaria, Lages, Lapa, Castro e Itapetininga.” (Gil, 2009, p.14) Tal caminho comercial partia de um único produto, praticamente, os animais, especialmente mulas, cavalos e reses (*idem*) e a cidade viabilizou as atividades tropeiras. Sobre isso Martins (2011, p.54) assinala que:

Os Campos Gerais e a vila de Castro estavam, portanto, dentro desse processo. Constituindo-se num importante entroncamento e ponto de parada dos tropeiros que por ali transitavam, aproveitando-se das amplas condições geográficas que lhe eram favoráveis a vila de Castro floresceu.

Discutira materialidade da presença preta e parda em Ponta Grossa e região é dar visibilidade à existência de pessoas e instituições que até então não aparecem nos discursos acerca da história dos processos imigratórios na cidade.

O grande movimento migratório oficial, contudo, só se verificou na década de 1870, quando para o Paraná vieram em grande número os russo-alemães. Em 1877/1878 chegaram em Ponta Grossa, 2.381 russo-alemães que se estabeleceram na Colônia Octávio, subdividida em 17 núcleos, afastados do centro urbano. A partir de então outros grupos foram chegando à cidade e a ela se integrando. Entre os de maior importância estão os poloneses, alemães, russos, italianos, sírios, austríacos e portugueses. (PMPG, 2013, p.3)

Tais colocações estão presentes no site da cidade de Ponta Grossa e tratam do histórico da mesma. Percebe-se neste enunciado uma série de aspectos que protagonizam determinados povos, colocam outros em segundo plano, a também invisibilizam alguns, justamente os que são tratados aqui. A população negra nem se quer é mencionada na dinâmica de imigração da cidade.

Os poucos trabalhos sobre a Comunidade Sutil, por exemplo, dão conta de que a comunidade teria sua origem em 1836, quando Manoel Gonçalves Guimarães, entre outros bens, teria deixado em testamento um conjunto de terras denominada de Santa Cruz para os seus filhos Joaquim e Maria Clara do Nascimento. Em 1854 Maria Clara do Nascimento nomearia seus então escravos e outros já libertos, juntamente com os de seu falecido irmão Joaquim Gonçalves Guimarães, herdeiros de parte da fazenda. Isso teria causado um fluxo migratório para estas terras, atraídas pela notícia de que negros e negras teriam herdado uma quinhão significativo de terra, que hoje, que depois



disputas, perdas, logros, abriga alguns desdentes dos herdeiros originais (Hartung, 2005).

A fundação do Clube 13 de Maio de Ponta Grossa estaria ligada a chegada de um homem liberto, vindo de São Paulo, chamado Lucio Alves, em 1888. Porém, há indícios de que as sementes já vindo sendo plantadas anteriormente, quando um grupo de jovens organizava reuniões privadas em espaços cedidos por simpatizantes da causa. Todavia, a cidade não reconhece o protagonismo de homens negros na fundação de clubes e associações.

A cultura alemã, na visão de muitos autores, apresenta um caráter associativo, o que incentivou a fundação de clubes e associações em muitas cidades paranaenses, entre elas Ponta Grossa. Nessa cidade as iniciativas para a fundação de um clube dos alemães data de 1896. (PMPG, 2013, p.3)

A citação reforça o ideal de que a cidade referida tem uma predominância imigratória alemã, porém ao buscar a fonte desta afirmação, nota-se que esta encontra-se disponível no artigo *Verde que te quero verde: O Integralismo nos Campos Gerais*, de Carmencita de Holleben Mello Ditzel, a historiadora se embasou nos estudos de Aída Mansani Lavallo (1996) mais especificamente na obra *Germânia-Guaíra: um século de sociedade na memória de Ponta Grossa*.

Há um problema de obviedade imbricado nestas considerações, pois Lavallo (1996) tem como proposta evidenciar o Clube Germânia-Guaíra e dar protagonismo a este em seus escritos, logo, não há espaços para tratar de uma instituição não autorizada em sua obra. Não é um problema de ausência de fontes, mas uma questão de intencionalidade de valoração a um patrimônio que já fora consolidado e aceito socialmente, ao contrário do Clube Treze de Maio que disputa espaços periféricos na historiografia local.

Observa-se ainda que o clube dos alemães é posto como uma instituição fundada em 1896, porém, não há referência alguma ao Clube Treze de Maio, que fora fundado seis anos antes, mas que possivelmente por ser uma instituição negra, não aparece como relevante ao município.

Ao considerar que as informações disponíveis no site de apresentação da cidade são fruto de uma produção historiográfica local branca que prioriza e por vezes até



frequentava um clube alemão, talvez não precise buscar mais respostas sobre a intencionalidade e a parcialidade que rondam os escritos problematizados.

As entrelinhas dos discursos presentes na citação apontam para uma tentativa política de afirmação dos alemães enquanto sujeitos “de maior importância” para a cidade e a prefeitura legitima isso através da permanência desta informação em seu site e de uma festa típica alemã realizada anualmente nas dependências da cidade.

Ao buscar uma história negra nas regiões próximas à Ponta Grossa, percebe-se o quão contraditórias são as considerações a respeito de uma presença preta nas cidades (ditas) brancas, pois enquanto Ponta Grossa divulga uma festa “típica” alemã, os municípios de Carambeí e Castro exaltam a cultura holandesa, no entanto não situam as comunidades remanescentes quilombolas, clubes negros e sujeitos negros que estão inseridos em seus territórios.

O processo de exclusão da cultura negra em terras pontagrossenses pode ser visto como uma ação com dois resultados interligados, o primeiro é a dificuldade de reconstrução histórica das trajetórias e memórias negras na região; o segundo é reflexo do primeiro e pode ser compreendido como a dificuldade de construir identidades negras positivas neste município o qual os negros não se sentem representados.

Isto ocorre porque “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina os negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as).” (Gomes, 2005, p.43).

OS CLUBES NEGROS SUL

Em dezembro de 2014 ocorreu em Curitiba um encontro de clubes sociais negros do Paraná. Dele participaram representantes do clube Rio Branco, de Guarapuava; Clube Treze de Maio, de Ponta Grossa; Clube Estrela da Manhã, de Tibagi e Clube Treze de Maio, de Curitiba e segundo a Fundação Cultural de Curitiba, neste encontro foi “[...] formado um Grupo de Trabalho para discussão das prioridades de ações de salvaguarda para os clubes Sociais Negros no Paraná” (Curitiba, 2014, p.1).

Com base nas considerações sobre as entidades em questão, consideramos que os clubes negros podem ser vistos como uma forma de sociabilidade permeada por



várias identidades de classes que se materializavam através das diferenciações entre os sujeitos negros que frequentavam essas instituições afro-brasileiras. Esses clubes traziam inúmeros valores através das suas atividades e eventos, geralmente com a intencionalidade de atribuir representações sociais positivas à nova classe negra que emergia em período pós-abolição.

Ao buscarmos uma definição de clube negro, nos deparamos com os escritos de Escobar (2010), nos quais a autora se embasa em fatores históricos para criar um conceito que corresponda a uma identificação para clubes sociais negros e ela assim os descreve:

Os clubes Sociais Negros, segundo a sua Comissão Nacional, definem-se enquanto espaço associativo do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio. A sua origem é anterior à abolição e surgem como um contraponto a ordem social vigente, além de constituírem-se num local de sociabilidade e de lazer da população negra, tinham como objetivo angariar fundos para o pagamento da liberdade dos negros escravizados. Rompendo os padrões de uma época, atuaram incisivamente na luta contra a escravidão e a discriminação racial. (Escobar, 2010, p.2)

A autora elenca quais as principais características destas instituições, mas não se prende a uma necessidade de equidade organizativa ou normativa entre elas, até porque cada uma foi criada em uma cidade, Estado ou região do país, justamente o que as tornam únicas. Deste modo, suas práticas sociais, particularidades e vivências negras devem ser vistas como um modo individual de ser e viver negro no interior de seus clubes.

Não há como olhar para os clubes negros sem considerarmos as relações de poder que permeavam a sociedade em que todas as entidades negras citadas foram criadas, pois o ato de restringir a entrada dos negros em determinados espaços é um ato de exercício de poder de uma classe racial sobre a outra; porém, a iniciativa de criar um clube negro antes, ou logo após a assinatura da Lei Áurea, também é uma atitude que evidencia um processo de autonomia de certos sujeitos negros na sociedade escravocrata e que demonstrava um jogo de poder entre negros que frequentavam os clubes e os que não o frequentavam.

Os sujeitos frequentadores dos clubes negros apresentavam características comuns referentes a sua classe e raça, porém, encontravam-se em lugares de



pertencimento variados, pois embora fossem negros, havia e ainda há, o grupo classificado enquanto pretos e o grupo dos denominados pardos e isso é apenas um dos fatores que nos impossibilita de homogeneizar as experiências dos frequentadores dos Clubes Negros. Afinal, sabemos que “Quanto mais escura a pele, mais limites e discriminações[...]” (Albuquerque, 2006, p.165)

Além da tonalidade da pele, há conjunturas políticas e sociais que nos levam ao seguinte questionamento: o que era ser negro no Brasil no momento de Criação das instituições negras? A fim de responder esta pergunta, podemos voltar nossas atenções para o período histórico. O pensar em ser negro no Brasil hoje implica em considerarmos a heterogeneidade das culturas negras e o processo de apropriação e dissolução de práticas culturais, pois “Existem aqui questões profundas de transmissão e herança cultural, de relações complexas entre origens africanas e dispersões irreversíveis da diáspora” (Hall, 2003, p.8).

Sobre o signo diáspora, podemos entendê-lo “[...] como algo mais que êxodo ou deslocamento, especialmente no contexto africano, assumimos a importância do aspecto transnacional para o mesmo [...]” (Pimentel, 2010, p.1). Esta palavra nos remete “[...] A ausência de lar em um primeiro momento e, em seguida, a reconstrução do ambiente acompanhado do frequente desejo de retorno ao que foi perdido” (Pimentel, 2010, p.2).

CLUBES NEGROS NO SUL?

Domingues (2011) faz alguns apontamentos sobre o histórico dos sujeitos negros no Brasil, contextualiza o papel de alguns clubes negros no Estado de Santa Catarina e ainda destaca discussões que registram o campo de estudos sobre as sociabilidades negras como uma área de pesquisa relativamente nova. Em relação as atividades desenvolvidas pelos clubes negros citados por Domingues (2011), o mesmo explica que “ no início, as atividades sociais do clube se restringiam à festa, ao baile, ao futebol e ao carteadado; tempos depois, ele se metamorfoseou em espaço de sociabilidade e defesa orgânica da cidadania, com palestras, ações educativas e eventos artístico-culturais” (Domingues, 2011, p. 124).

O autor aponta para uma forma de sociabilidade negra que, *a priori*, realizava eventos sociais semelhantes as demais instituições negras, inclusive como Clube Treze

de Maio, mas lentifica o processo de mudança que permeou as instituições negras em Santa Catarina, pois ao escolher o termo “metamorfoseou”, fornece indícios de mudanças significativas que passaram a integrar a dinâmica das sociedades negras recreativas observadas.

Voltando o olhar especificamente para o estado do Paraná, nos deparamos com um número considerável de registros que atestam a existência de muitos clubes negros. Primeiro deles, situado em Curitiba, capital do Estado, também denominado Clube Treze de Maio, é a instituição negra considerada por Escobar (2010) como o segundo clube mais antigo do país, pois conta com fontes que o registram com a data de maio do ano de 1888.

Outras instituições negras paranaenses foram registradas em Londrina, são elas: Clube Quadrado (1939), Sociedade Beneficente Princesa Isabel (1940) e posteriormente Associação Recreativa Operária de Londrina que se extingue em 1980. Sobre essas associações Borghi e Diniz (2010, p. 5) explicam que “a princípio os negros mais mobilizados da cidade de Londrina se sentiram na necessidade de criar um espaço em que estes pudessem ter acesso à cultura, lazer e conseguissem, através do clube, se unir para um debate da situação do negro”.

A Associação Recreativa Operária de Londrina é representada pela sigla AROL e foi um espaço negro significativo para seus integrantes, pois eram realizadas atividades variadas em sua sede.

[...] fazia discussões sobre a realidade do negro no Brasil e na cidade de Londrina, dava acesso ao conhecimento através de sua biblioteca comunitária, promovia desfiles na cidade contra o preconceito e a discriminação, do clube também saiu uma escola de samba, que até hoje desfila no dia de carnaval na escola Unidos de Vila Nova. (Borghi; Diniz, 2010, p. 6)

Até aqui, entendemos que os negros marcaram presença em diversos municípios e com base nesta realidade, pretendemos em seguida fazer associações entre instituições negras (religiosas e recreativas) e o processo de alfabetização e letramento dos sujeitos de cor no período que antecede o período escravista, bem como no pós-abolição. As discussões aqui propostas enfocam o lugar dos Clubes negros na região Sul do Brasil a fim de analisar e comparar tais sociabilidades, partindo do Clube Treze de Maio situado em Ponta Grossa (PR), este será abordado como um possível espaço de Letramento semelhante a algumas Irmandades Negras e outros clubes do mesmo caráter racial.



O CLUBE 13 DE MAIO: SOCIABILIDADES NEGRAS EM PONTA GROSSA

O Clube 13 de Maio é uma Sociedade Recreativa datada de 1890 e no ato de sua fundação contava com uma nomenclatura bastante significativa: Clube Literário e Recreativo 13 de Maio.

Nos parágrafos seguintes apontamos para o lugar das instituições negras – compreendidas aqui pelas Irmandades Religiosas e clubes negros – no processo de alfabetização, letramento enquanto um conceito recente e a inserção social dos sujeitos negros brasileiros nos períodos pré e pós-escravização.

Parte-se de uma concepção de letramento que integra não apenas as práticas de escrita ou leitura, mas uma dinâmica de compreensão e interação social cotidiana que o envolve. Inicialmente, tal conceito foi utilizado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o ‘impacto social da escrita dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita. (Kleiman, 1995, p. 15)

O letramento corresponde ao processo resultante das práticas sociais cotidianas que abordam o uso da linguagem escrita e são tão válidas quanto as produções comunicativas desenvolvidas e aprendidas em espaços institucionais. “O letramento envolve a imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita [...]” (Kleiman, 2005, p.10)

Definido como algo heterogêneo, o letramento ocorre de variadas formas dependendo da esfera em que está inserido/situado, bem como do sujeito que está executando a prática de interação com a escrita, pois cada pessoa possui uma carga cognitiva que irá definir seu grau de compreensão e nível de interação com os escritos disponíveis.

Tomaremos o plural do termo letramento, optando pelo uso de letramentos, no plural, que conforme Souza (2009) isso indica que se trata de práticas múltiplas e historicamente situadas, considerando variáveis como raça e gênero. No caminho inverso ao percorrido por Souza (2009, p.31), parafraseamos a pesquisadora para dizer buscamos evidenciar que o Clube Literário Treze de Maio emerge como uma agência de letramento que apresenta ponto sem comum com diversas experiências educativas



negras contemporâneas ao seu surgimento, bem como com outras experiências que o sucederam.

Aqui o clube negro é visto como uma forma de sociabilidade negra que foi construída sobre os alicerces de práticas de letramento que visavam valorizar os sujeitos que a frequentavam, pois os responsáveis pelo clube reconheciam a leitura e as práticas literárias como um aparato importante na sobrevivência e reexistência dentro de uma sociedade hierarquizada pela classe e pela cor, capaz de ressignificar suas vivências estigmatizadas. Com isso “pretende-se discutir as rupturas nos sistemas de representações, derivadas da condição escrava e pelo qual os grupos de homens e mulheres negros se orientam, por disposições específicas, na apreensão do mundo e do conhecimento”. (Moysés, 1995, p.54).

Para Souza (2009, p. 10)

Ser leitor branco difere do ser leitor negro, pois, para este, o modo de ser leitor inscreve-se em um duplo percurso, que não favorece a sustentação de sua identidade de leitor. Por um lado, têm-se a representação de que, como inferior e selvagem, deve tornar-se civilizado para ser leitor.

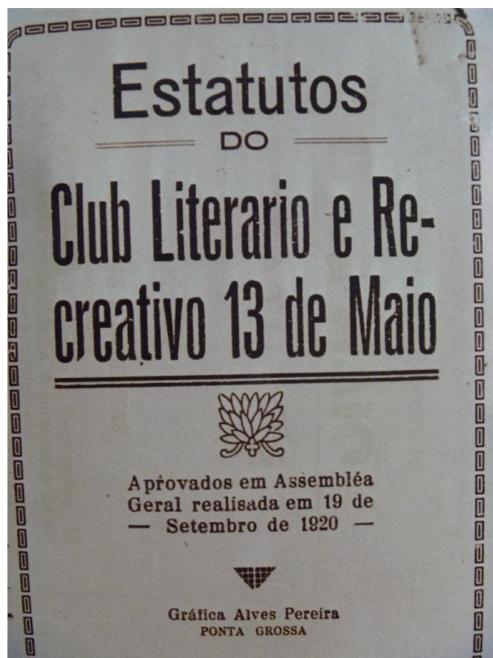
A colocação da autora ilustra a dualidade em que a população negra estava (em alguns casos ainda está) inserida, visto que as práticas literárias, a habilidade de leitura e de escrita nem sempre foram pensadas para este grupo racial. É como se o ser negro e o ser letrado fossem categorias de classificação sociais que não se relacionassem.

O Clube Treze de Maio de Ponta Grossa foi criado logo após a libertação oficial dos negros no Brasil, momento em que o país não estava preparado para romper com antigas estruturas dominantes e acolher os sujeitos negros em esferas públicas, isso explicaria a entrada tardia dos sujeitos negros em instituições escolares⁴, por exemplo.

⁴Por questões de limitação do texto, não faremos aqui a discussão sobre a existência de escravizados, livres e libertos adultos e crianças letrados no século XIX, responsáveis, inclusive, pela inserção de crianças brancas nas práticas de letramento e alfabetização. Tais aspectos podem ser vistos em Karasch (2000), Demartini (2001), Wissenbach (2002), dentre outros. Esse aspecto foi abordado por Jovino (2010) a partir das referências apontadas.

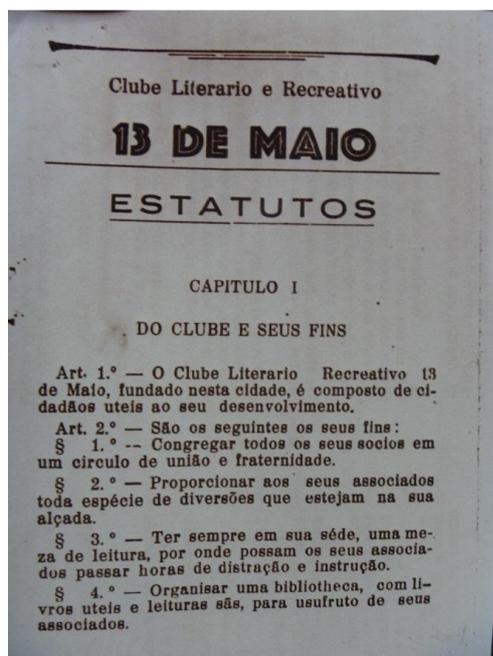


Figura 1. Capa do estatuto de 1920



Fonte: Casa da Memória- Ponta Grossa

Figura 2. Segunda página do estatuto



Fonte: Casa da Memória- Ponta Grossa



O Clube Treze de Maio foi criado como uma sociedade literária, que segundo o seu estatuto, prezava pelas práticas de leitura dos seus frequentadores que eram predominantemente negros. Isso talvez esteja atrelado ao fato de que “As relações do negro com a leitura se estabelecem na voz e não no texto, nas representações feitas nos discursos sobre ele — sua cor, sua condição social, sua capacidade intelectual ” (Moysés, 1995, p.54).

Pensem um clube negro com uma denominação que o evidencia como literário é considerar que a instituição buscava uma (re)construção identitária que poderia realocar o seu lugar na sociedade local e atribuir a seus frequentadores novas formas de serem vistos, pois “[...] todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder numa sociedade ” (Kleiman, 1995, p. 38).

O signo literário na atualidade está relacionado a conhecimento, cultura e erudição, pois “ De todas as competências culturais, ler é, talvez, a mais valorizada entre nós. Em nossa sociedade, a presença da leitura é sempre vista de maneira positiva e sua ausência de maneira negativa” (Souza, 2009, p.101); afinal, hoje sabemos que o saber ler é crucial para o desenvolvimento de quase todas as práticas sociais, logo devemos pensar no papel deste ato no final do século XIX no Brasil, período em que os vários clubes negros, com caráter formativo, foram criados. O termo literário também está diretamente ligado à literatura, campo de disputas de saberes e poderes sobre o que pode ou não ser considerado literário.

O literário do Clube 13 de Maio, à primeira vista, integra pelo menos dois elementos. Primeiramente aponta para um espaço físico no qual frequentadores negros seriam protagonistas, mas não qualquer um, aqueles que estivessem aptos para o universo letrado. Em um segundo momento, aduz para o espaço social da leitura dentro do clube. Os sentidos interagem e se complementam. Isto pode ser entendido quando nos voltamos para a segunda página do estatuto. Seus frequentadores poderiam pertencer a um lugar, um clube, e mais do que isso, pertenceriam a um clube literário.

Ao considerar o período em que o estatuto foi criado e a interação entre os signos que definem a nomenclatura da instituição, percebemos que a organização da escrita foi um processo estratégico de redefinição de uma cultura negra, demarcada por um ideal de cultura negra letrada-literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ver este clube como um espaço de formação indica a possibilidade de “[...] compreender os diferentes caminhos para entrever os processos de letramentos empreendidos por diferentes grupos sociais e culturais” (Souza, 2009, p.11). Por um lado, podemos considerar a busca por um espaço que valorizasse as identidades negras com base em práticas literárias como indício de um processo de embranquecimento desses sujeitos, pois este grupo racial certamente compreendia que a elite dominante era branca, logo as práticas sociais brancas também o seriam, afinal, “Para ser leitor, é necessário embranquecer” (Moysés, 1995, p.54). Assim, teriam se apropriado das práticas literárias como uma tentativa de se (re)estabelecerem na sociedade a partir de um signo de brancura.

Pelo motivo acima descrito, alguns pesquisadores consideram a ideia de que os clubes negros no Brasil foram criados como forma de “recriar os costumes da elite branca” a fim de construir uma “elite negra”. Sobre isso, Domingues (2011, p.120) acredita que “O que os negros desejavam, portanto, era o “branqueamento social”, na medida em que, em estado de alienação, imitavam o branco na maneira de falar, de vestir e de se comportar”.

Por outro lado, podemos, pelo mesmo motivo, também podemos apresentar tal questão como um acontecimento, no sentido foucaultiano, porque elas podem demonstrar uma relação de forças que se inverte: um símbolo, uma forma de poder de uma classe ou raça que é tomado e, em alguma medida, se volta contra seus utilizadores, obrigando os lesados a buscar outras formas de legitimação de seu *status*. É um acontecimento na medida em que produz sentidos e, concomitantemente, faz surgir rupturas em sentidos já estabilizados. Um nome, um enunciado que:

está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, [...] é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; [...] está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem. (Foucault, 1995, p.32).

A temporalidade do acontecimento não está encerrada num período limitado, ele é gerúndio, possibilita levantar essas hipóteses no tempo presente. Em nossa leitura, ser



literário e recreativo, nesta ordem, é um acontecimento diaspórico africano, aqui observado a partir do papel dos eventos de letramentos⁵.

É pertinente se considerar as particularidades de cada instituição negra e admitir que talvez algumas, aparentemente, buscassem um “branqueamento social”, contudo, também julgamos apropriado ressaltar que o modelo de sociedade livre que negros e negras conheciam era estrategicamente branca, então era praticamente inevitável que essa realidade afetasse as vivências negras.

Pessoas negras, sozinhas em grupos, têm-se mostrado incisivas em lutas cotidianas e têm sido resistentes desde o período que antecedeu a abolição, pois não foram passivos diante da condição de escravizadas. O Clube Treze de Maio pode ser visto uma das provas deste caráter ativo da população negra na região dos Campos Gerais, Paraná, mostrando que o contexto pós abolição da escravatura se tornou um momento propício para se firmar enquanto comunidade a ser conhecida como letrada.

Os espaços de produção e circulação culturais, onde o lugar de produção da palavra do indivíduo negro se estabelece pelas tensões com o mundo do trabalho redefinido pela Abolição e por outras relações de dependência com seu grupo social. (Moysés, 1995, p.54)

Com base em influências externas, mais especificamente europeias, ocorre no Brasil “O projeto de uma sociedade letrada, a valorização da leitura como sinal de instrução e como forma de socialização, em meados do século, são valores que percorrem essa sociedade.” (Moysés, 1995, p.57); mas esse projeto ainda não incluía os negros, até porque:

O modo de ser desse leitor negro inscreve-se em duplo percurso: aquele que, originado de uma representação literária, o faz ver-se como um selvagem, inferior, e que deve se transformar em civilizado para conseguir ser leitor, e aquele que, vindo da oralidade, da leitura ouvida, cria um pré-saber da escrita, mas não o leva a uma identificação com a leitura, com o ser leitor. (Moysés, 1995, p.60)

Após a abolição, no Brasil havia uma série de ações e instituições que se preocupavam com a alfabetização dos sujeitos negros no país e isso ocorriam nos mais variados espaços, entre eles igrejas, sociedades recreativas e outros.

⁵ Esse aspecto foi apontado em Jovino (2010, p.116-117) ao abordar o papel da fotografia de negros e negras no século XIX.



Para citar apenas um exemplo, em Jovino (2010) vemos que as práticas religiosas podem ter servido como modo de promover apoio, em termos de educação e sustento, às crianças de congregados de irmandades como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos no Rio de Janeiro. Cunha (2005) analisa a existência de uma escola na referida Irmandade por meio de seu estatuto de 1883, porém há indícios de que a proposta de criação de uma escola existisse desde 1839.

Ao modo de como buscamos fazer neste recorte, Cunha (2005) dá centralidade ao papel das práticas de leitura e escrita dos integrantes da Irmandade, destacando que a mesma era formada por homens negros letrados, que pensaram numa escola para crianças negras, dentro de uma instituição religiosa e social que privilegiava os eventos de letramentos.

O espaço aqui problematizado é uma instituição criada por negros e para negros, porém, quando pensamos no caráter deste clube e na sua intencionalidade, precisamos elencar que havia outras instituições que tiveram um papel semelhante e significativo no processo de alfabetizar e letrar uma série de negros brasileiros. Assim, “(...) ressaltamos o papel das entidades negras que forneciam o amparo social necessário a essas populações, pois algumas escolas negras chegaram a ser criadas por elas”. (REIS, 2010, p.25)

Pensar em instituições negras que voltasses seus olhares para os problemas sociais, para o cotidiano e como espaço de letramento de seus frequentadores enquanto proposta estatutária que os coloca além dos limites dos clubes, é pensar em uma possibilidade de construção de novas consciências indenitárias, de emancipação, de formas de lutar pela dignidade própria, que se fortaleciam na medida em que parcelas da população negra percebiam estes locais como de produção de conhecimentos e tomadas de decisões de bem comum. Não estamos aqui querendo unificar as experiências de letramentos negros em torno de sociabilidades, apenas apontar que há permanências, concordâncias, sem perder de vista que isto implica em considerarmos o lugar, o contexto e as prioridades de cada clube negro, pois consideramos que:

Um clube Social Negro no RS é diferente de um clube Social Negro no RJ, de SP, de SC ou de MG e até mesmo é diferente de outro clube do próprio Estado. Uma mesma identidade é acionada, mas os contextos e os objetos são



diferenciados. Estes grupos não são unânimes em seus pensamentos, atitudes, interesses e ações [...]. (Escobar, 2010, p.104)

Indícios de existência de bibliotecas nas instituições negras nos levam como a colocar tais instituições como agências de letramentos e seus organizadores e frequentadores como agentes de letramentos dentro das instituições, semelhante ao Clube Treze de Maio de Ponta Grossa, que também mencionou a existência de uma biblioteca em seu estatuto.

E pensando por esse viés, podemos dizer que as sociedades recreativas ou clubes negros criados no Brasil foram modos de possibilitar aos sujeitos negros, estigmatizados e excluídos, uma forma de sentirem-se pertencentes a um espaço social e cultural. Um espaço negro, que ainda que limitado, tinha como perspectiva evidenciar os pretos e pardos, livres ou cativos em um país que de fato dizimou seus costumes, ocultou suas crenças e fragilizou de modo indescritível suas identidades, devido ao seu sistema socioeconômico vigente.

Até aqui pudemos perceber que o lugar das instituições negras, irmandades religiosas e clubes negros como organizações de grande importância para mudar a realidade negra brasileira, pois se não fossem essas instituições talvez o acesso a educacional tradicional, para os negros pobres, tivesse sido cada vez mais tardio e a inserção destes pretos e pardos na sociedade seguiria o mesmo rumo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, WlamyraR. FILHO, Walter Fraga. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BORGHI, Eduardo Baroni. DINIZ, Larissa Mattos. A População Negra Em Londrina: Uma Luta por Reconhecimento. In: *Encontro Regional da ANPUH-RIO*, 14, jul. 2010, Rio de Janeiro, RJ, 2010. Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO – Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2010.

CURITIBA, Fundação Cultural (FCC). 1º Encontro dos Clubes Sociais Negros do Paraná. 2014. Disponível em: <http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/agenda/1-encontro-dos-clubes-sociais-negros-do-parana/> Acesso em 28/10/2017

DITZEL, Carmencita de H. Mello. “Verde que te quero verde”: O Integralismo nos Campos Gerais. *Revista Esboços*. v. 8, n.8. Florianópolis: UFSC, 2000. p. 32-47.

DOMINGUES, Petrônio. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição. *Topoi Revista de História*, v. 12, n. 23, Rio de Janeiro, 2011. p. 118-139.

ESCOBAR, Giane Vargas. Clubes Sociais Negros: Lugares de Memória, Resistência Negra, Patrimônio e Potencial. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural), Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

FERNANDES, Sandro Luis. Clube Social Rio Branco: Retratos dos Negros em Guarapuava. In: Semana de História em Irati: História e Conflitos Contemporâneos, 17, nov. 2015, Irati, PR, 2015. Anais da X Semana de História em Irati: História e Conflitos Contemporâneos – III Jornada da Integração: Graduação e Mestrado da UNICENTRO. II Sarau cultural afro-brasileiro (NEER). Irati: UNICENTRO, 2015.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora. Reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart. *Da Diáspora – identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARTUNG, Miriam. Muito além do céu: escravidão e estratégias de liberdade no Paraná do século XIX. *Topoi Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, 2005, p. 143-191. Disponível em: http://revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi%2010/topoi10a5.pdf. Acesso: em 06/11/2017.

HERMANN, Daiana. O Clube Tabajara e as Narrativas de Racismo em Encruzilhada do Sul: Entre Tensão e Identidade Étnica. *Illuminuras*, Porto Alegre, vol.12, n. 29, 2011, p. 153-163.

JESUS, Nara Regina Dubois de. Clubes Sociais Negros em Porto Alegre – RS: A análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial. Porto Alegre, 2005. Dissertação 101p.

JESUS, Nara R. D. de. Clubes sociais negros em Porto Alegre - RS: a análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, 2005.

JOVINO, Ione da Silva. Crianças negras em imagens do século XIX. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2010.

KLEIMAN, Ângela. *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

_____. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Unicamp. Ministério da Educação, 2005.

LAVALLE, A. M. *Germânica-Guaíra: Um século de sociedade na memória de Ponta Grossa*. Ponta Grossa: Centro de Publicações, 1996.

MARTINS, Ilton Cesar. Eu só tenho três casas: a do senhor, a cadeia e o cemitério: crime e escravidão na comarca de Castro (1853-1888). Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2011.

MOYSÉS, Sarita Maria Afonso. Literatura e história - Imagens de leitura e de leitores no Brasil no século XIX. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, Set/Out/Nov/Dez, 1995, p. 53-62. Disponível em: http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE0/RBDE0_05_SARITA_MARIA_AFFONSO_MOYSES.pdf Acesso em: 05/11/2017



PARANÁ. Secretaria do Esporte e do Turismo. Campos Gerais do Paraná. 2015. Disponível em: <http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=250> Acesso em: 20/10/2017

PIMENTEL, Clara Alencar V. A diáspora africana e suas implicações na figura da mulher negra na sociedade atual. *Revista Darandina*, Juiz de Fora, 2010, p.01-10. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/A-di%C3%A1spora-africana-e-suas-implica%C3%A7%C3%B5es-na-figura-da-mulher-negra.pdf> Acesso em: 23/10/2017

REIS, João José. Identidade e Diversidade étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996, p. 7-33.

REIS, Paulo Pinto Gonçalves dos. Práticas sociais relativas às crianças negras em impressos agrícolas e projetos de emancipação de escravizados (1822-1888). Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2010.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Associativismo Negro em Terras Sulinas: Das Irmandades aos Clubes para Negros em Pelotas (1820-1943). *Revista Thema*. Pelotas, v. 8, n.2, 2011, p.01-13.

SIMÃO, Maristela dos Santos. As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os Africanos No Brasil do Século XVIII. Dissertação (Mestrado em História da África), Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras, Lisboa, 2010.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de Reexistência: Culturas e identidades no movimento hip-hop. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

Recebido em outubro de 2017
Aprovado em novembro de 2017